

## O Elogio da infâmia\*

**Fernando José Pereira**

**(Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto)**

PEREIRA, Fernando José – *O Elogio da infâmia*. In: *Teleférico: cais de embarque*. Guimarães: Laboratório das Artes, 2006. p. 68.

A infâmia é um lugar fronteiro, um significado vazio que corporiza, como tal, a existência de duas entidades separadas e preenchidas de significações opostas. Assim, a localização territorial da infâmia fornece-lhe a possibilidade ímpar de protagonizar o antagonismo. A atual preocupação liberal de procura desvairada de consensos situa a infâmia como lugar de resistência que, desta forma, curiosamente se vê transformada em partícula essencial da vida democrática.

A territorialidade infame afirma radicalmente a dissensão. É neste lugar que devemos concentrar a nossa atenção e não nas suas confluências limítrofes. A categorização, sempre subjetiva, dos conteúdos por estas introduzidos e utilizados apresenta-se, assim, como profundamente secundarizada relativamente ao imenso poder do lugar infame. Acima de tudo, porque este se apresenta, sempre, como amoral, longe da lógica unívoca da razoabilidade moralista ou, então, da sua oposição polar imoral, afinal faces da mesma moeda.

Algumas tradições transmontanas de comemoração do carnaval, em que populares de aldeias vizinhas se opõem verbalmente, utilizando os mais variados e fortes insultos, afirmam-se como uma curiosa estruturação espacial. Este território fronteiro, formalizado pela frontalidade simétrica de dois lugares altos, dois montes, separados por um vale apresenta-se como uma fortíssima metáfora da democraticidade antagonista. Afirma, no entanto, Slavoj Žižek que um dos problemas das democracias liberais contemporâneas é a transformação da ideia de antagonismo em possibilidade unicamente agonística, isto é, uma pacificação «bem comportada» da anterior noção de combate. É neste ambiente adormecido que surge o potencial da infâmia porque, por isso mesmo, a sua conotação negativa lhe permite um posicionamento radical. Debaixo do fogo «politicamente correto», o território infame afirma uma vitalidade e um protagonismo que lhe é oferecido em nome próprio. O alastramento PC a todas as esferas da vida, a arte incluída, determina, então, uma espécie de nova transparência<sup>1</sup> consensual em que tudo se encontra dentro dos «limites» deixando, naturalmente, de fora a nomeação «exterior» da infâmia.

As razões são sempre as mais importantes, as mais próprias, as mais razoáveis e, apesar disso, apetece sempre estar como *reduplicatio*, isto é, numa posição que nunca se ajusta verdadeiramente ao seu lugar. Na contemporaneidade *light* e liberal este é o território da infâmia.

Como afirma Alain Badiou na tese 14 das suas «quinze teses sobre arte contemporânea»:

*«Posto que se encontra seguro da sua capacidade para controlar todo o campo do visível e do audível através das leis que governam a circulação comercial e a comunicação democrática, o Império já não censura nada. Toda a arte e todo o pensamento estarão perdidos se aceitarmos essa permissão para consumir, para comunicar e para desfrutar. Deveríamos, por isso, convertemo-nos em cruéis censores de nós próprios.»<sup>2</sup>*

**A arte é um lugar infame.**

\*A etimologia da palavra é latina e decompõe-se da seguinte forma: *in=non; fama (v.q. você)*. Esta má fama inicial, que era importantíssima nas leis romanas, foi alargando a sua carga de significação até aos nossos dias. Assim, no dicionário português, apresenta-se como *s.f.* e com os seguintes significados: má fama; ato ou dito infame; perda de boa fama; labéu imposto por lei ou pela opinião pública; descrédito; ignomínia; desonra; calúnia, difamação; indignidade; vitupério; opróbrio.

<sup>1</sup> Não devemos, contudo, esquecer que, como afirma Juan Luís Moraza, nada é mais invisível que a evidência, pois esta funciona como um marcador contextual que desvia o olhar daquilo que se supõe dever permanecer oculto.

<sup>2</sup> Tradução minha